



Bares com as portas novamente abertas, o negócio agora é se adaptar ao horário. Para ver futebol, só se for campeonato europeu por causa do fuso horário; para ver os jornais da tevê, não se pode ir além dos programas vespertinos, regados a sangue; a opção é o velho papo. Mas não tem sido fácil.

A turma vespéral dos botecos tem pouco a ver com os notívagos. No tempo em que se podia falar português claro, eram chamados de braçais, uma rapaziada que pega no batente pesado, de mãos calejadas, orelhas secas — hoje, soaria rude para esse pessoal de língua delicada, que acha que o mundo será melhor quando emudecer.

Mas a moçada da noite está chegando mais cedo, misturando-se e buscando o entendimento, porque na lei do botequim não se nega fogo e papo.

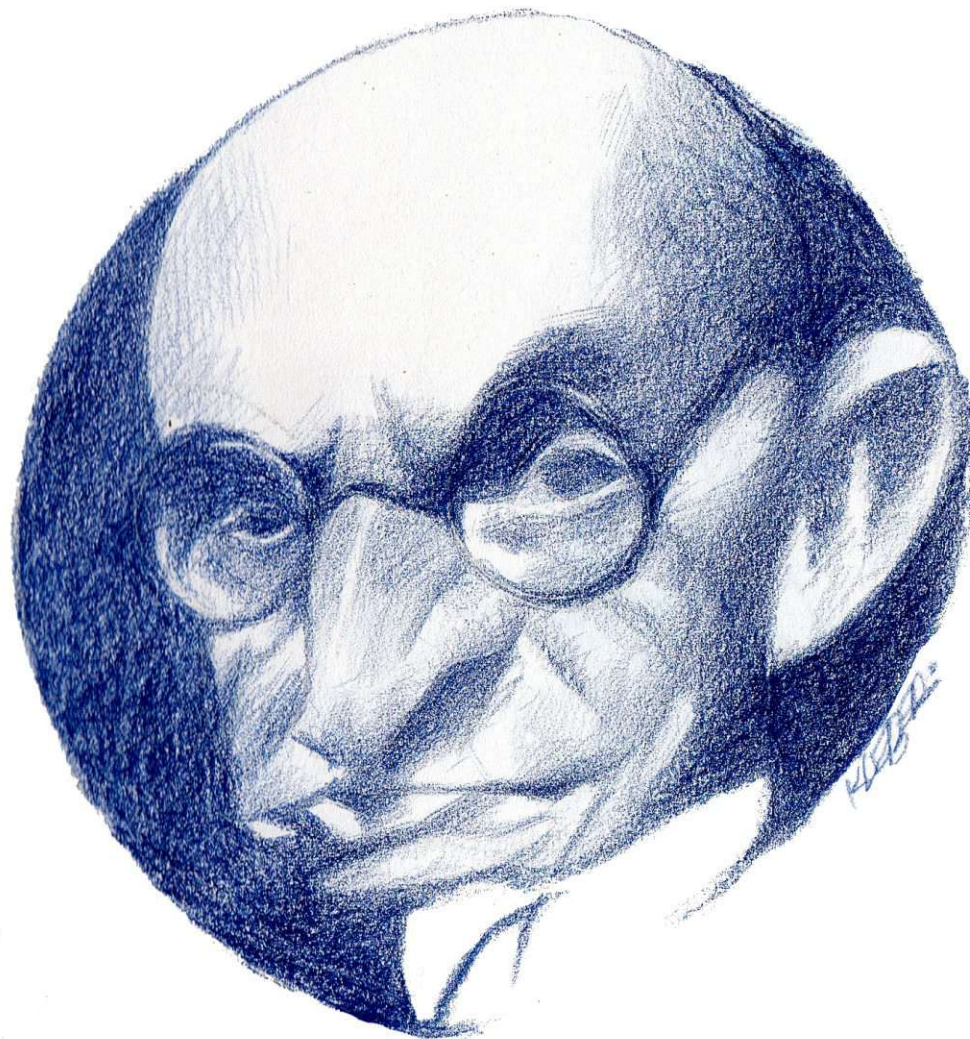
Ao contrário do que muitas esposas e detratores imaginam, botequim é lugar de cultura. É só dar um pouquinho de sorte e escolher o boteco certo para encontrar poetas, intelectuais e pensadores de todas as vertentes. Risco é só comer um croquete frito no dia anterior, tomar uma pinga misturada ou um uísque batizado; o resto vale.

A democracia do bar exige que todos tenham direito a opinião, até mesmo aquele sujeito que fica na ponta do balcão, gritando. Bar é lugar de aproximação, onde se admite até mudança de posição, até porque depois que a ministra deu um giro de 180 graus em seu voto, todo mundo se sentiu liberado para virar metamorfose ambulante.

Claro que há censura, mas sempre determinada pela razão; a regra deve ser sempre a tolerância, embora, de vez em quando, os ânimos se acirrem e abram espaço para um quebra-pau. E o frequentador de bar não se esconde atrás de um avatar, de um pseudônimo ou de uma identidade falsa como o pessoal que faz palanque nas redes sociais.

A chegada do pessoal vespertino tem alterado essa relação, mas o boteco é também lugar de surpresa. Depois de ouvir nosso amigo advogado metido a poeta declamar Manoel Bandeira, o rapaz de roupas humildes, certamente desinibido pela cerveja que tomava no balcão, disse que também conhecia um poema. E começou a narrar uma história de terror de um homem atormentado pelas árvores que abatia, até se arrepender. Só deu para gravar uma parte.

O sarau improvisado



*Beijano o gaio e chorano
Dizia: muito obrigado!
Deus te faça abençoado
Todo ano ter verdor
Vou arrebentar meu machado
Não serei mais lenhador*

*Depois da jura santa
Pra ter de todas as prantas
A graça, o perdão inteiro
Dos crimes de homi ruim
Foi se fazer jardineiro
E não fazia outra coisa
Senão tratar do jardim*

*A vó, que já carregava
Mais de setenta janeiros
Dizia que neste mundo
Nunca viu jardineiro
Que fosse tão bom assim*

*Dormia todas as noites
Deixando a janela aberta
Pra escutar todo o rumor
E às vezes até altas horas
Ficava ali na janela*

São versos de Catulo da Paixão Cearense, narrados com sotaque nordestino e erros criados pelo próprio poeta. Só foi interrompido quando o bodegueiro disse que não podia mais vender bebida alcoólica, encerrando o sarau improvisado.